

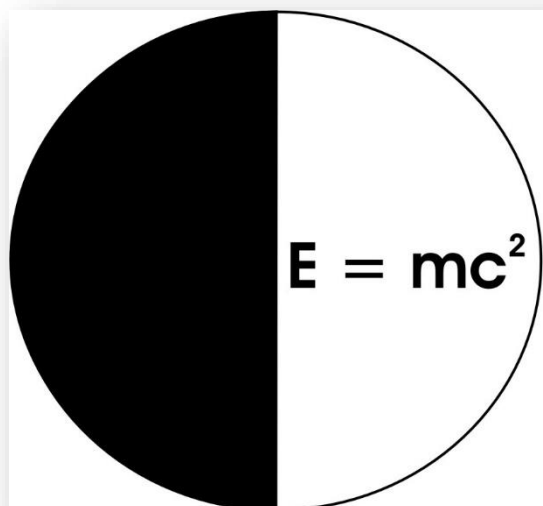
**RAMÓN PASCUAL MUÑOZ SOLER**

**PROPOSTA PARA UMA  
UNIVERSIDADE DE SÍNTESE**

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



# PROPOSTA PARA UMA UNIVERSIDADE DE SÍNTESE



## Parte I

*“Desencadeou-se no mundo todo uma estranha forma de guerra, ainda pouco compreendida. Algo nos escapou das mãos. A violência organizada é já uma força autônoma, um poder independente, sem rosto, mas com diferentes máscaras.*

*Qual é a resposta a este desafio?*

*A filosofia crítica já não é suficiente. E a revolução social esgota suas possibilidades frente a uma humanidade que cruzou a barreira cósmica.*

*O sentido da revolta estudantil de 1968 e sua reação mundial em cadeia é algo que ainda escapa à crítica sociológica. Foi vista somente a crista de uma onda de violência, mas não se foi à raiz essencial do fenômeno, à enigmática mensagem que flui da vida profunda da juventude. E não houve resposta. Fez-se algo para que tudo continuasse igual. O poder político não soube perceber os signos do novo tempo. Os velhos condutores não souberam canalizar a corrente da energia humana que se havia liberado subitamente no planeta. Foram apaziguados os claustros, mas a violência explodiu em outro lugar e de outra forma. E agora?*

*Universidade de Síntese se antecipa como novo “órgão do saber”, em nível planetário. Como ponto de convergência entre o caminho do conhecimento e o caminho da vida. Como lugar de encontro entre o homem que pergunta pelo Universo e o Universo que pergunta pelo Homem.”*

*Ramón P. Muñoz Soler*

***“Universidade de Síntese”***

*Depalma, Buenos Aires 1984*

*As ideias que fundam esta*  
**“Proposta para uma Universidade de Síntese”**

*surgiram da investigação pedagógica realizada durante os anos 85/86 por um grupo de colaboradores que se organizaram como “Oficina de síntese”. Posteriormente, fizemos um estudo epistemológico do tema em um Seminário realizado na Sociedade Científica Argentina (de 2 a 30 de setembro de 1987) sobre “A ciência frente aos confins do conhecimento”. E em um segundo seminário na mesma Instituição (de 1 a 30 de junho de 1988), discutimos as “Premissas para uma Pedagogia de Síntese”.*

*O que apresentamos a seguir é uma ferramenta de trabalho. São algumas sugestões que se desprendem do diálogo transdisciplinar entre os colaboradores, diálogo que se realizou na Sociedade Científica Argentina no dia 29 de junho de 1988, no qual participou como convidado de honra o Presidente daquela Instituição, Eng. Agr. Eduardo Pous Peña.*



## **Colaboradores**

**Ramón P. Muñoz Soler.** Doutor em medicina. (Autor de “Germes de Futuro no Homem”, “Antropologia de síntese” e “Universidade de Síntese”, entre outros).

**Eduardo Alberto Castro.** Professor titular de fisioquímica da Faculdade de Ciências Exatas da Universidade Nacional de La Plata. Membro da Carreira de Investigador (CONICET), categoria principal.

**Eva Maria Sarka.** Professora de Ciências da Educação. Ex Coordenadora do Departamento de Informática e Investigação Educativa de Educação Superior (Ministério de Educação), Coordenadora do “Projeto Piloto de Formação de Recursos Humanos” da Universidade de Centro.

**Ramón Lema Araujo.** Reitor do Instituto Municipal de Educação através da Arte (IMEPA) da cidade de Avellaneda. Criador das “Bienais nacionais e internacionais de arte infantil e juvenil” e dos “Encontros Internacionais de Educação através da Arte”.

**Ricardo Bullrich.** Arquiteto, projetista industrial, maquetista. Professor titular (a cargo) dos “Oficinas de Introdução ao Conhecimento Projetual” e “Introdução à Prática Projetual” (Ciclo Básico, Faculdade de Arquitetura da Universidade Nacional de Buenos Aires). Co-fundador da “Comunidade de Sierra Alta”, La Rioja (Experiência de convivência humana e promoção de comunidades).

**Gustavo Loiseau.** Arquiteto. Investigador em arquitetura orgânica (participou de encontros de arquitetura orgânica em diferentes países)

**Rubén Hallú.** Professor adjunto (a cargo) da Cátedra de Farmacologia das Faculdades de Veterinária das Universidades de Buenos Aires e La Pampa.

**Lidia Orsi.** Arquiteta. Docente de desenho. Jefe de trabalhos práticos de “Introdução ao Conhecimento Projetual”, Faculdade de Arquitetura, UBA.

**Lily J. Wencelblat.** Arquiteta. Contratada na Comissão Municipal de Habitação, Buenos Aires.

**Liliana Llebaria.** Arquiteta. Trabalha em projetos de arquitetura ecológica.

**Olga Mabel Negri de Cainzos.** Professora de Educação Musical. Coordenadora de área no Instituto Municipal de Educação através da Arte (IMEPA), de Avellaneda.

**Elba Maria Longhini.** Psicopedagoga. Docente em Escolas de Recuperação.

# **Universidade de Síntese**

Modelo educativo para a civilização planetária do terceiro milênio

## **Introdução**

Alguns qualificaram meu livro “Universidade de Síntese” como proposta utópica. Certamente que o é. Henry Lefèbvre, em sua aguda crítica à tecnocracia, diz o seguinte:

**“Atualmente reina a utopia. É o impossível.  
Para conceber o real e o possível é preciso passar  
pelo utópico e o impossível”.**

A ideia de Universidade de Síntese se inscreve dentro da constelação de signos que anunciam a nova era.

O mundo que vemos é um mundo que passou.

Um vento de futuro comove as bases de nossa civilização.

Uma nova energia/consciência foi liberada no planeta, mas ainda não conseguimos decifrar a mensagem *do novo* signo do tempo.

A casa que habitávamos ficou sem sustento, e hoje padecemos uma nova doença da civilização: o vazio existencial e a perda de sentido.

Chegamos a uma fronteira difícil de cruzar.





De onde vem a resposta à crise existencial do homem contemporâneo?

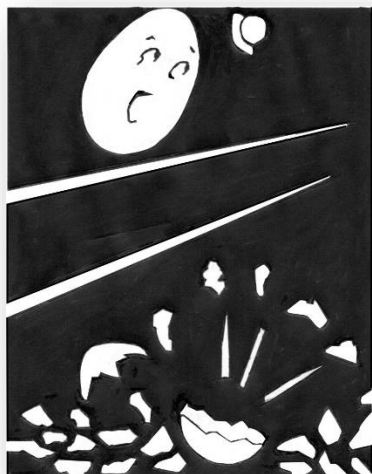
**A resposta já não vem  
das academias, vem do  
deserto**

E o que acontece com o saber?

Em tempos de crise como o nosso, entre o ocaso dos antigos deuses e o nascimento de um novo sol, o saber se refugia em “arcas de sobrevivência”. No passado, foram os templos e os mosteiros. Hoje, podem ser as universidades.

Universidade de Síntese, mais que uma nova Instituição é um novo “órgão do saber”. Pertence à fisiologia co-evolutiva do corpo planetário. Por isso, dizemos que é um “órgão”. Sua função primordial é re-unir em um mesmo “circuito de ressonância” o caminho do conhecimento e o caminho da vida.

A Universidade de Síntese ainda não existe como Instituição. O único que existe, em termos de Universidade, é uma “galáxia de particularidades”, fragmentos de uma unidade perdida.



*Foi perdido o vínculo  
das partes com o todo*

Nestes últimos tempos, floresceu à margem da universidade acadêmica, multidão de formas e modelos alternativos, todos válidos como tentativas de recuperar conhecimentos da tradição cultural da humanidade que não encontraram cabida na universidade profissionalista e técnica. Mas tais modelos alternativos não dão resposta adequada ao desafio imposto pela mensagem do novo signo do tempo.

A civilização do terceiro milênio propõe à Universidade interrogantes muito mais profundos do que aqueles que costumamos considerar como “problemas universitários”. A síntese já não vem pelo caminho da ciência, mas pelo caminho do homem. Porque a unidade do homem é *antes* que a unidade da ciência. Recuperar esta unidade perdida é função primordial do “Magistério Universitário” do futuro. Para isso, já não é suficiente uma reforma universitária. Trata-se da criação de algo novo!

Criar as bases humanas para a civilização planetária do terceiro milênio requer uma “Pedagogia de síntese” e uma “Metodologia de síntese”.

## **Pedagogia de síntese**

Os princípios mais gerais desta pedagogia co-evolutiva são os seguintes:

Princípio de <i>anterioridade</i>	É uma pedagogia do <b>antes</b> : antes da queda na fragmentação do conhecimento; antes de que se produza a deformação profissionalista pelo desenvolvimento unilateral de funções; antes que a vida cristalize em uma forma.
-----------------------------------	---

Princípio de <i>criatividade</i>	Criar condições para a expansão de consciência e liberação de energia humana.
----------------------------------	---

Princípio de <i>interioridade</i>	É um princípio de consciência de si, de reversibilidade de valores: realizar por dentro o que se quer fazer fora.
-----------------------------------	---

## Metodologia de síntese

Aqui, “método” é “meio educativo”. Como diria McLuhan, “o meio é a mensagem”

*Não só a informação que  
circula pela árvore do  
conhecimento, mas a seiva  
que flui pela árvore da vida.*



Este “meio pedagógico” se con-figura através de  
**circuitos logotécnicos de ressonância.**

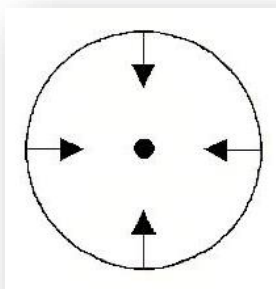
O que são “circuitos logotécnicos”?

São “matrizes orgânicas”, por onde circula a seiva da vida, “meio humano” para viver, para crescer, para ser.

Se por uma ou outra causa não se produz o contato direto com estas “mães primordiais”, a vida seca, se debilita, se degrada.

Quais são estes “primeros circuitos” que con-figuram a geometria invisível da Universidade de Síntese?

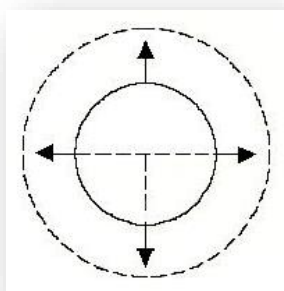
O primeiro circuito é de  
*ressonância humana*



Seu instrumento prático é a *residência universitária*.

Aqui se aprende a con-viver.

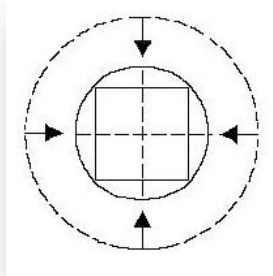
O segundo circuito é de  
*ressonância cósmica*



Aqui se aprende a pôr-se em contato direto com a consciência/energia cósmica.

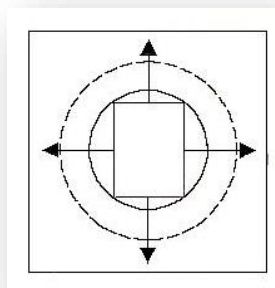
Sua ferramenta é a *prática ecológica*.

O terceiro circuito é de  
*implosão/expansiva do conhecimento*



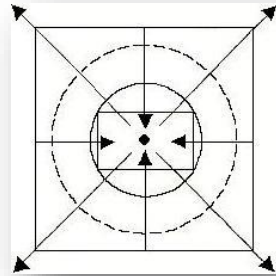
Aqui se aprende a transformar a ‘matéria’ do conhecimento em expansão de consciência e liberação de energia. As ferramentas são os  *circuitos de informação computarizada e as oficinas de criatividade*.

O quarto circuito é de  
*ressonância social*



Aqui se aprende a compreender por participação. Consciência social do “estudante aprendiz”. A ferramenta é o *trabalho social*.

O quinto circuito é de  
*ressonância espiritual*



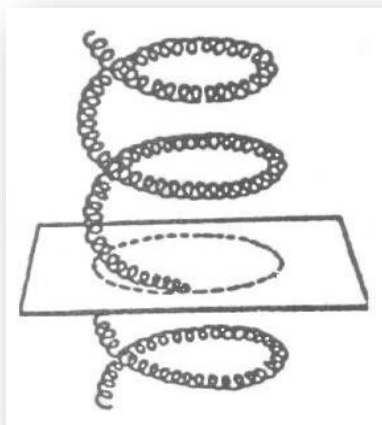
Ativa-se por *reversibilidade de valores e transcendência espiritual*.

Qual é a diferença metodológica entre um circuito técnico e um circuito logotécnico?

No técnico é suficiente conhecer as regras da arte para que o resultado seja correto. Não importa muito se a pessoa é correta ou incorreta.

No circuito logotécnico opera uma lei diferente. Aqui, tem validade o aforismo chinês: “Método correto com pessoa incorreta: resultado incorreto. Método incorreto com pessoa correta: resultado correto”.

Nem todas as ‘células humanas’ que integram estes circuitos logotécnicos se encontram em um mesmo lugar geográfico ou em uma mesma coordenada de tempo, à maneira das equipes técnicas que conhecemos. Senão que con-figuram uma “rede” visível e invisível de operadores, com funções diferenciais, mas unidos entre si por uma mesma vocação de serviço e um mesmo sentido da obra.



***Ressonância por similitude em um espaço de curvatura diferente***

C. Bragdon

Nossa experiência na “Oficina de Síntese” nos fez ver que esta ressonância por similitude entre “funções diferenciais” não é nada fácil de realizar. É ainda muito forte a divisão entre as diferentes áreas da ciência, da filosofia, da arte e da técnica. E, sobretudo, muito acentuado o isolamento entre os diferentes investigadores. O prestígio acadêmico, os interesses econômicos, as posturas ideológicas, o afã de poder, são outras tantas barreiras que impedem de alcançar esse “ponto crítico” do encontro humano, onde a com-preensão se traduz em expansão de consciência e em participação solidária na obra.





## Epílogo

*Ante o colapso de uma cultura que pôs a ênfase na posse de valores materiais, mais cedo ou mais tarde, em algum lugar do planeta, teremos que começar tudo de novo.*

*Os educadores do amanhã terão que ensinar às crianças de hoje a cruzar a barreira cósmica. Porém, cabe uma pergunta: onde se formam esses professores?*

*Existe uma multidão de institutos para os diferentes níveis de ensino (cursos pedagógicos de nível médio, faculdades de ciências da educação, professorados secundários e professorados de jardins de infância, e a carreira docente universitária). Mas, perdeu-se a unidade do “magistério” e o sentido universal da educação. Hoje, temos mais técnicos e profissionais, mas menos professores.*

*Atualmente, os terapeutas substituíram os educadores. É um signo do tempo. O que ocorre é que estamos mais doentes.*

*A nova Universidade deve tomar sobre si a formação de professores, para ajudar as novas gerações a cruzar o perigoso umbral entre a fisiologia do homem terrestre e a fisioecologia do homem cósmico.*

*Uma proposta utópica?*

*Sim, tão utópica quanto querer colocar em órbita um “telescópio espacial” que custa 3 bilhões de dólares, para olhar o Universo mais de perto!*

*No entanto, o projeto “Hubble” está sendo realizado com uma câmara que tem 500 diferentes modos de operação, um espelho de 94 polegadas, um equipamento de computação que permite registrar as leituras para 16 observatórios de diferentes partes do mundo, com um “staff” de 250 técnicos, que inclui 60 astrônomos.*

*Universidade de Síntese é algo parecido. Uma antena humana localizada em algum lugar do planeta para captar não só as mensagens do céu, mas também as vozes que vêm da Terra.*

*Em qual lugar do mundo pode dar-se uma convergência gen-ética de forças humanas, telúricas e cósmicas que possa ativar a expansão de consciência dos homens e as mulheres que vêm?*

*Penso que esse lugar é a América.*

*Se em escala planetária hoje, podemos localizar na Universidade das Nações Unidas (ONU) em Tóquio, Japão, o polo expansivo do conhecimento científico-técnico, o polo de “implosão humana” tem que estar na América.*

*Por que na América?*

*Porque a América, a “América profunda” (em termos de Rodolfo Kusch) alcançou na alma de seus povos, suficiente nível de interioridade para oferecer à planetização que nasce uma “ponte humana” entre os arquétipos celestes e a sabedoria da Terra.*

*Na potencialidade do novo homem americano, começamos a vislumbrar os primeiros traços de uma harmonia de valores materiais e espirituais. Sem este polo de interioridade humana que ‘dissolve’ os compostos de desumanização gerados pela civilização técnica, as “tecnologias transcendentais” (como as denomina Thomas Berry) podem conduzir-nos a um novo afundamento da Atlântida, a Atlântida pós-moderna.*

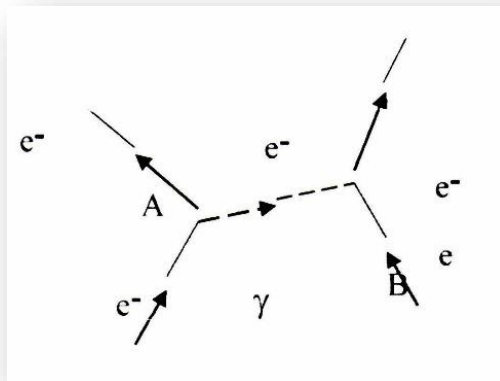
## Parte II

### Universidade de Síntese

Modelo educativo para a civilização planetária do terceiro milênio

#### Diálogo com os integrantes da equipe

- **Muñoz Soler:** Uma primeira pergunta ao Dr. Eduardo Alberto Castro, Professor de fisioquímica da Universidade Nacional de La Plata e investigador em química quântica.



No curso do ano passado, o Dr. Castro assumiu o seguinte tema:

**“Algumas reflexões sobre física quântica e expansão de consciência”.**

Centrou sua exposição em uma crítica metodológica acerca das propostas unificadoras que são formuladas hoje em dia, entre disciplinas

que pertencem a domínios diferentes. Ao referir-se à possibilidade de relação entre a ciência e a mística, disse o seguinte:

*“Durante estes últimos tempos apareceram muitas publicações originadas por físicos, filósofos, psicólogos, teólogos, etc., com o propósito de descobrir e explicar a extraordinária e reveladora relação entre a física moderna (a mais dura das ciências) e a mística (a mais terna das religiões).*

*Minha opinião é que a física moderna não oferece suporte positivo algum, e muito menos provas definitivas e decisivas para uma visão mística e espiritual do mundo. No entanto, os grandes físicos do princípio do século eram místicos”.*

Não vamos retomar agora a polêmica provocada pelas palavras do dr. Castro, polêmica que, por outro lado, continua vigente no âmbito científico e filosófico. Porém, minha pergunta é a seguinte: O sr. não acredita que, com toda esta discussão, referente ao “paradigma holográfico”, corremos o risco de substituir o antigo debate teológico pela moderna polêmica epistemológica? Não seria melhor “trabalharmos juntos”, para descobrir esse novo campo de criatividade que poderíamos chamar o “holograma humano”?

**E. Castro:** Minha resposta é afirmativa, mas quero dizer que, se bem que estes dois campos (ciência e mística), apontem para um mesmo fim, trabalham com metodologias muito diferentes. Por outro lado, considero oportuno advertir acerca de sínteses prematuras e extrapolações arbitrárias.

**Muñoz Soler a Eva Sarka:** Professora de Educação Superior e Ex Coordenadora do Departamento de Informática e Investigação Educativa da Direção Nacional de Educação Superior (Ministério de Educação).

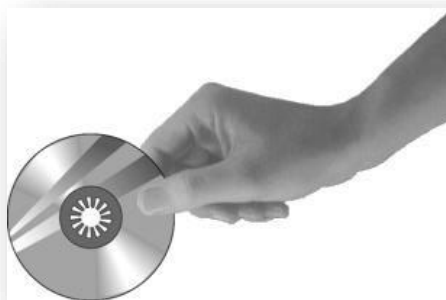
No curso do ano passado, Eva encarregou-se do tema:

**“Comunicação Humana e Pedagogia Sistêmica”**

Selecione um parágrafo de sua dissertação:

*“Hoje em dia, podemos ter acesso a absolutamente toda a informação. Com um “compact disk” em um drive, posso ler toda a “Enciclopédia Britânica.”*

*Por outro lado, posso me comunicar por meio de um MODEM -como o fizemos há pouco - com estudantes de Buenos Aires, Bariloche, Mar del Plata e Estados Unidos, simultaneamente. Ali, havia crianças conferenciando com seus companheiros de otros lugares do mundo”.*

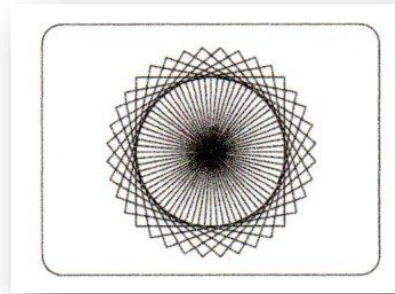
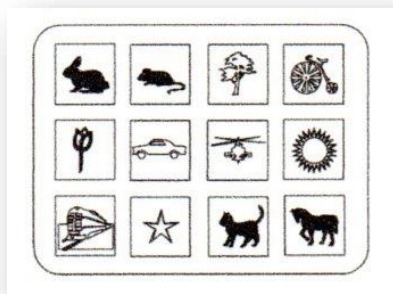


**Muñoz Soler:** Minha pergunta a Eva é a seguinte:

A evolução biológica foi transferindo, no curso do tempo, ferramentas incorporadas ao organismo e instrumentos técnicos fora do corpo (uma pata escavadora por uma pá mecânica).

A Universidade de Síntese, integrados seus diferentes departamentos e oficinas por meio de circuitos eletrônicos via satélite, não poderia constituir-se como polo de “implosão do conhecimento-e-expansão de consciência?”

**Eva Sarka:** Penso que, se resgatarmos o sentido originário da educação e criarmos uma comunicação dinâmica em um espaço novo, no qual não haveria um dentro nem um fora, senão que haveria “algo” que sintetizasse o processo de comunicação para dentro e para fora, talvez o armazenamento da “massa” de informação - em ferramentas de criatividade humana - possa colaborar para que esse “fluir” não se rompa e possa surgir uma nova síntese creativa.



**Muñoz Soler a Ricardo Bullrich**, arquiteto, Professor do Ciclo Básico da Universidade Nacional de Buenos Aires.

Seu tema no Curso do ano passado:

**“A projeção como instrumento de mudança”.**

Ricardo se referiu ao “habitat humano”, não só ao aspecto físico, mas a todo o sistema de relações em que o ser humano desenvolve sua vida. Na conformação de esse “habitat”, apontou a importância dos modelos utopistas.

*“Os modelos utopistas - disse Ricardo - sempre tiveram, ainda que de alguma forma quimérica, uma função revolucionária. Há um arquiteto norteamericano que se inscreve nesta tradição utopista, Buckminster Fuller (conhecido por suas cúpulas geodésicas). Ele imaginava uma revolução, uma mudança, promovida pela projeção”.*

Ricardo não foi muito otimista com respeito às possibilidades de reparar o dano feito pelo homem ao meio ecológico do planeta e a seu próprio habitat, pois considera que há danos irreparáveis (foram colocadas no ambiente “bombas de tempo” que ameaçam as condições de vida futura). Mas, tampouco se declara decididamente pessimista, e chega a formular sua própria proposta de um “pessimismo construtivo”. *“Frente às possibilidades de autodestruição da espécie humana por um “crescimento irresponsável”, oponhamos um “crescimento responsável”.*

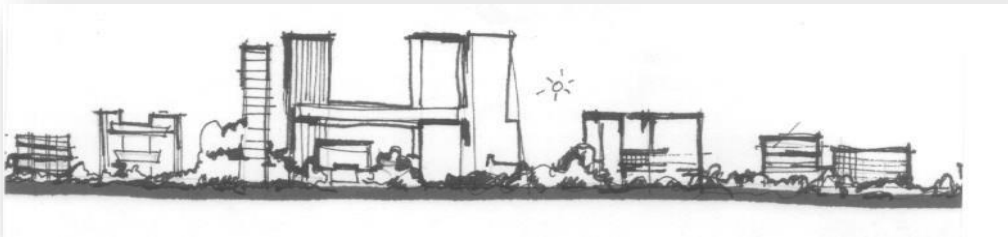
**Muñoz Soler a Ricardo,** A Universidade de Síntese, vista como modelo utópico, não poderia ter presença revolucionária no mundo de hoje, em função de sua própria linguagem arquitetônica? Como você intui o novo “habitat universitário”?

**Ricardo Bullrich:** Com respeito ao modelo de Universidade de Síntese, eu me perguntei varias vezes qual seria uma localização concreta dessa Universidade, como se dissertaria no contexto que



conhecemos. Custou-me muito imaginá-la embutida na cidade. É difícil conciliar o novo espaço educacional de síntese com a poluição que existe nas cidades hoje em dia. A respeito, lembro-me de uma ideia de Amancio Williams, que é uma “utopia”. Ele pensava em uma cidade linear que, em seu corte transversal, tivesse pouca distância entre o que é a natureza e o que seria o centro da cidade.

Pensando em Universidade de Síntese, teria que inserir-se em um esquema que, de alguma forma, permita ao homem estar no centro da natureza e muito perto de uma comunicação quase espinhal, digamos, com todo o processo urbano.



***Muñoz Soler a Gustavo Loiseau:*** arquiteto, investigador em arquitetura orgânica.

O tema de Gustavo no Curso do ano passado foi:

***“Arquitetura orgânica como resposta ao despertar de consciência do homem planetário”.***

Gustavo começou dizendo:

*“O que aqui vamos tratar de fazer, é aproximar-nos rapidamente da ideia de como os diferentes estádios de consciência da humanidade, em suas diferentes épocas de*

*desenvolvimento, podem ser observados nos edifícios que ficaram destas últimas”.*

E continua a exposição fazendo uma breve resenha comparativa entre projeto arquitetônico e expansão de consciência.

*“Na Índia jovem, aparecem as “semiesferas” que imitam o céu, mas separadas da Terra. Na Irlanda do Norte e na França, os “dólmens celtas” só são pontos de referência que brincam com a luz que incide sobre eles e com as sombras que lançam.*

*Nas construções dos persas se faz presente a oposição entre luz e escuridão, como símbolo da tensão manifestada pelo dualismo cosmogónico.*

*Nos egípcios se faz patente a “massa”, as maciças pirâmides e os corredores, como metáfora de penetração na matéria.*

*Os gregos giram 180° o templo egípcio. Para eles, as colunas estão fora e predomina o espaço entre elas. O altar está no centro, mas nesse templo não se entra.*

*Os romanos constroem as pontes e os aquedutos, como símbolo de conquista do mundo e circulação da vida.*

*E a alma medieval se eleva ao céu, nas agulhas das catedrais góticas.”*

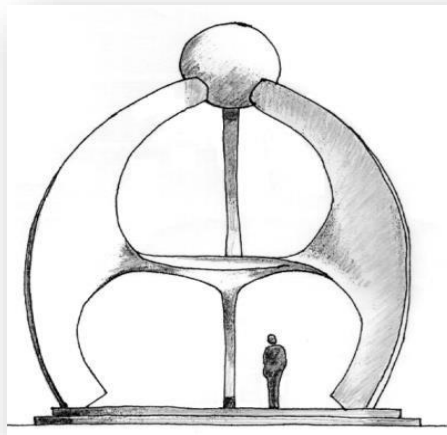
**Muñoz Soler:** *Minha reflexão ante o trabalho de Gustavo é a seguinte:*

Vimos os restos arquitetônicos de culturas desaparecidas, como imagens congeladas no tempo de suas respectivas cosmovisões. E, atualmente, vemos as construções da técnica moderna que, como bem diz Octavio Paz, “são símbolos da ação, mas não imagens do mundo”.

Minha pergunta a Gustavo é a seguinte:

“É possível intuir a forma arquitetônica que corresponde ao incipiente despertar da consciência cósmica na humanidade de nosso tempo?”

Neste sentido, cabe destacar o simbolismo humano/cósmico da obra de Gyula Kosice apresentada na “Exposição Internacional de Escultura ao Ar Livre”, aberta por motivo dos jogos Olímpicos em Seul, no ano 1988.



**Gustavo Loiseau:** Eu não sei se estamos atualmente em condições de encontrar uma forma. Mas sim, podemos dizer que existe um “ressoar” do espaço cósmico no espaço interior humano. E, neste sentido sim, há um caminho de busca para dentro. Talvez, olhando para dentro, possamos encontrar o espaço onde poderia dar-se esta nova forma.

O homem grego e o homem gótico podiam pôr para fora, diretamente, seu espaço interior. Mas, o homem de hoje, com sua consciência individual, tem que percorrer esse mesmo caminho, mas já não é tão fácil.

Hoje, não temos a ajuda dos deuses, com quem podíamos criar diretamente esses espaços. Agora temos que percorrer o caminho interno com nossos próprios meios, cada um de nós. E essa é, acredito, a grande tarefa de nosso tempo, conhecer nosso espaço interior. Porque, se não o fizermos, tudo o que possamos imaginar como forma, com nossas velhas ferramentas, com nossos velhos instrumentos, vai ser enganoso e vazio. Nosso espírito necessita de novos espaços, mas temos que criá-los com um novo espírito. Talvez este novo espírito já esteja criado, neste momento, sob esta abóboda escura, como um germe muito delicado, que veremos quando a luz voltar a brilhar.

De qualquer forma, tenho uma proposta.

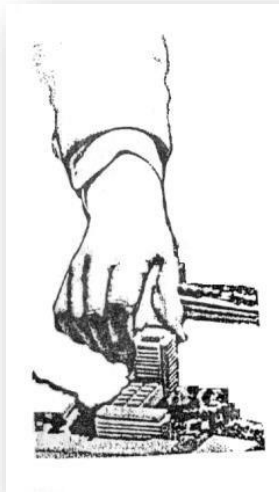
Pergunto-me como podemos construir com ferro, com cristal, com formas cristalizadas, algo que é espírito vivo como é o sangue, se a própria qualidade viva do sangue o torna fugitivo. Havia imaginado algumas coisas como a água, alguma catedral de água. Mas, talvez como encontro humano, o centro de síntese possa ser um espaço carregado de futuro, onde se alojem as tensões das polaridades humanas, onde possam transformar-se os espaços em múltiplas formas em movimento.

**Muñoz Soler:** as arquitetas *Lidia Orsi, Lily Wencelblat e Liliana Llebaria*, que integram um “Estudo de arquitetura para o habitat personalizado”, nos fizeram participar este ano em uma experiência de

“Oficina”, na qual pudemos vivenciar novas dimensões do espaço humano.

Tenho aqui um trabalho de Santiago Barbuy:

**“O espaço do encontro humano”** (ADCEA, Bs. As. 1976),



No qual, este talentoso artista do desenho diz o seguinte:

*“Na vida física e fisiológica do homem, é suficiente o espaço tridimensional. Em troca, sua vida anímica requer que esse espaço cumpra algumas condições que transformem a dimensionalidade morta em espacialidade viva”.*

**Muñoz Soler a Lidia Orsi:** Lidia, na experiência de “Oficina”, tive a impressão de que os arquitetos jovens haviam passado de repente, da mesa de desenho à coreografia do corpo. Isto tem algo a ver com esse “ressoar do espaço cósmico no espaço interior humano”, ao qual se referia Gustavo Loiseau, ou a esta “espacialidade viva” de que fala Barbuy?

**Lidia Orsi:** Sim, as apreciações de Gustavo Loiseau são perfeitas. Nós nos fazíamos as mesmas perguntas, e havíamos chegado a um ponto onde - para indagar o espaço interior e o espaço exterior - já não nos serviam os instrumentos habituais e os diferenciais com que nos havíamos formado. E começamos uma busca por outros caminhos (que tinham a ver com “o que não se diz”, com o “subjacente”).

Creemos que a indagação desses outros caminhos não é feita somente pelos especialistas, senão todos a fazemos, todos temos dentro registros de espaços vividos e por viver.

E todas essas vivências, se as pusermos para fora e pudermos vê-las, nos estarão abrindo o caminho em direção ao futuro. Isto é, poderemos ver caminhos novos que não existem, que estão por serem descobertos.

**Muñoz Soler a Lily Wencelblat:** Voltando à Universidade de Síntese - e baseado na experiência de Oficina realizada aqui, você pensa que a busca desse novo espaço didático-pedagógico teria que ser realizada pela comunidade de docentes e estudantes que querem encontrar a ponte entre o caminho do conhecimento e o caminho da vida?

**Lily Wencelblat:** Eu penso que nesta etapa individualista que estamos percorrendo, em que o ego é muito forte, chegamos a um ponto em que devemos deter-nos e começar a trabalhar desde a humildade. Para mim, esse é o caminho.

**Muñoz Soler a Liliana Llebaria:** Creio que Liliana tem alguma inquietude com respeito à “dimensão ecológica” do espaço humano.

**Liliana Llebaria:** Acredito que, dentro do programa de Universidade de Síntese, é urgente incluir a prática ecológica, porque a geração que nos sucede terá que assumir a condução ecológica do planeta. É uma tarefa bastante árdua, que temos que deixar preparada.

Até agora, o indivíduo funcionou à margem dos recursos naturais, como coisa alheia que era manejada por outros, sem tomar consciência da parte que lhe cabe na conformação de seu meio ambiente.

**Muñoz Soler a Lema Araujo:** O Professor Lema Araujo é reitor do Instituto Municipal de Educação através da Arte (IMEPA), da cidade de Avellaneda.

No ano passado, ofereceu-nos sua experiência como educador, em uma dissertação de profundo conteúdo humano e forte sentido social:

**“A Educação através da Arte como instrumento humano e identidade cultural”.**

Fazemos uma primeira pergunta ao Professor Lema Araujo.

O arquiteto Louis Kahn, em seu livro “Ideia e Imagem”, referindo-se à arte, diz o seguinte:

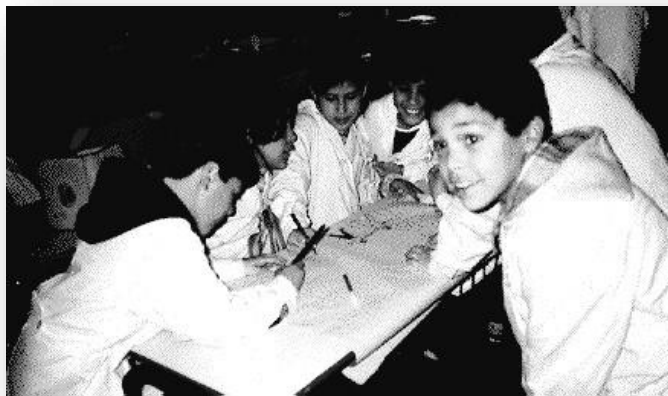
***“Ensina-se a arte, mas em geral,  
não se compreende sua base nem  
sua função existencial, reduzindo-a  
a passatempo”.***

Qual é sua experiência como educador, a este respeito?

**Lema Araujo:** Nossa reflexão é a seguinte. Todo o processo de “aprender” terminou em uma tremenda confusão, porque se confunde

aprendizagem com aquisição de conhecimentos, com informação e com armazenamento de informação.

Entre o conhecimento e a aprendizagem não deveria haver contradição, porque o ser humano é a totalidade e deveria funcionar como totalidade. Porém, quando é absorvido pelo conhecimento e a informação, através do exclusivo treinamento da mente - é quando terminamos dando uma tremenda importância à aquisição de coisas: e degradamos nossa vida espiritual. Deixamos de viver criativamente e vivemos na trivialidade e na imediatez.



**Muñoz Soler:** no curso do ano passado, o sr. se referiu à “identidade cultural”. O que o sr. pensa da possibilidade de integrar a arte à vida das novas gerações, dentro do marco de uma “Universidade da América”?

**Lema Araujo:** Repito o que disse no ano passado. Nós, os latinoamericanos, estamos fazendo da Educação através da Arte algo absolutamente diferente do que podem fazer os americanos do Norte, os europeus e, certamente, os asiáticos e os africanos. Estamos acedendo à descoberta - e aí vou à identidade cultural - da força que poderíamos ter,



junto com os demais países americanos, se começarmos a olhar-nos um pouco para dentro, uma espécie de “implosão” (como foi dito no Curso), uma implosão de uma transcendência absolutamente revolucionária.

**Muñoz Soler:** Vamos escutar agora **Elba Longhini**, psicopedagoga e **Mabel Negri de Cainzos**, professora de educação musical, para que nos digam algo acerca da experiência que realizam na “Oficina de Psicopedagogía”.

**Elba Longhini:** Começamos desde a área do patológico, especialmente em crianças. E, pouco a pouco fomos vendo a necessidade de trabalhar também com os pais. Isto nos levou a implementar o trabalho com adultos, já não enfocando as áreas de problemas ou as necessidades recreativas, mas abrindo novos canais de comunicação e descobrindo possibilidades de expressão do íntimo, do possível, do sensível, integrando a expressão artística com a ferramenta pedagógica.

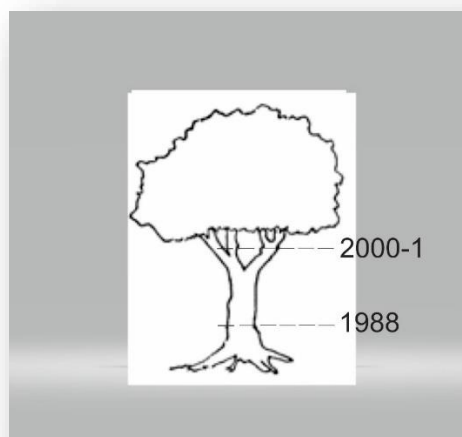
**Muñoz Soler a Mabel Cainzos:** Com o olhar posto na Universidade de Síntese, como a sra. vê a possibilidade de que todas estas formas artísticas que estão desenvolvendo com crianças e adultos se incorporem ao corpo, à vida dos jovens universitários do futuro?

**Mabel Cainzos:** Penso que, em um novo projeto universitário, os jovens teriam que passar por todas as áreas que integram a Educação através da Arte, em forma gradual e progressiva, desenvolvendo as possibilidades latentes do canto, da arte dramática, das artes plásticas, da música, começando com a fabricação de instrumentos com suas próprias mãos.



***Muñoz Soler ao Dr. Rubén Hallu:*** Professor de farmacologia da Faculdade de Ciências Veterinárias, docente jovem que está em contato direto com os jovens universitários de seu tempo.

Rubén, no Curso deste ano o sr. reconheceu a importância desse nível de desenvolvimento humano que corresponde à idade de ingresso à Universidade, entre 16 e 18 anos. Eu chamei essa fase evolutiva do jovem estudante de “zona de flutuação crítica”, onde a vida ainda não se cristalizou em uma forma. Ali, se pode iniciar algo novo. Se apresentarmos esquematicamente o processo educativo como uma corrente que circula pela “árvore do conhecimento”, e marcarmos este ano 88 como ponto de iniciação escolar de uma criança de 6 anos, terá chegado à idade de ingresso à Universidade no ano 2000, e se encontrará nesta “zona” da árvore, onde os ramos começam a separar-se.



Dr. Hallu, o sr. não acredita que nessa “zona crítica”, antes que o jovem estudante se perca pelos ramos do conhecimento, possa ser instrumentado um “choque de implosão” que inicie um processo educativo completamente novo?

**Dr. Rubén Hallu:** Penso que sim. Se por “implosão” entendermos um manejo adequado da informação, como disse a Professora E. Sarka, e se se oferecerem ao jovem meios adequados de criatividade, como nos mostraram os colaboradores que me precederam, pode se dar o salto do nível analítico/racional do conhecimento, em direção a esse outro nível mais profundo da consciência intuitiva e da sensibilidade criativa.

**Muñoz Soler:** De acordo. Já não podemos continuar em linha reta. Não podemos continuar debatendo na Universidade problemas que não têm solução. Muitos dos chamados problemas universitários são “falsos problemas”, porque são propostos no contexto de um sistema de valores que já entraram em crise.

O que quer o jovem universitário de hoje? O sr. mesmo o disse na vez passada Rubén. O que quer é voltar a viver uma vida universitária com sentido humano. Em meu modo de ver, esta “humanização” do

ensino/aprendizagem já não pode ser realizada por via acadêmica, e sim por participação real e efetiva de docentes e estudantes, na comunidade universitária e na comunidade social.

E, a propósito, o que o sr. opina da ideia de substituir os exames de ingresso e cursos preparatórios por dois anos de *residência universitária*, onde os jovens aprenderiam a conviver, a compreenderem-se, a trabalhar em comum e a prestar um serviço à comunidade em qualidade de “estudantes aprendizes”?

**Dr. Rubén Hallu:** Este tipo de “Residência” seria altamente positivo, já que permitiria recuperar certos valores e atitudes que, com o tempo, foram sendo perdidos. De qualquer forma, penso que, na atualidade, não seria fácil implementar este modelo, já que encontraria resistência. Talvez seria necessário fazer com que o estudante visse as vantagens de um encontro humano que eles mesmos proporiam, em teoria. E, sobretudo, destacar o valor formativo do trabalho social.

## Epílogo

*Ante o colapso de uma cultura que pôs a ênfase na posse de valores materiais, mais cedo ou mais tarde, em algum lugar do planeta, teremos que começar tudo de novo.*

*Os educadores do amanhã terão que ensinar às crianças de hoje a cruzar a barreira cósmica. Porém, cabe uma pergunta: onde se formam esses professores?*

*Existe uma multidão de institutos para os diferentes níveis de ensino (cursos pedagógicos de nível médio, faculdades de ciências da educação, professorados secundários e professorados de jardins de infância, e a carreira docente universitária). Mas, perdeu-se a unidade do “magistério” e o sentido universal da educação. Hoje, temos mais técnicos e profissionais, mas menos professores.*

*Atualmente, os terapeutas substituíram os educadores. É um signo do tempo. O que ocorre é que estamos mais doentes.*

*A nova Universidade deve tomar sobre si a formação de professores, para ajudar as novas gerações a cruzar o perigoso umbral entre a fisiologia do homem terrestre e a fisioecologia do homem cósmico.*

*Uma proposta utópica?*

*Sim, tão utópica quanto querer colocar em órbita um “telescópio espacial” que custa 3 bilhões de dólares, para olhar o Universo mais de perto!*

*No entanto, o projeto “Hubble” está sendo realizado com uma câmara que tem 500 diferentes modos de operação, um espelho de 94 polegadas, um equipamento de computação que permite registrar as leituras para 16 observatórios de diferentes partes do mundo, com um “staff” de 250 técnicos, que inclui 60 astrônomos.*

*Universidade de Síntese é algo parecido. Uma antena humana localizada em algum lugar do planeta para captar não só as mensagens do céu, mas também as vozes que vêm da Terra.*

*Em qual lugar do mundo pode dar-se uma convergência gen-ética de forças humanas, telúricas e cósmicas que possa ativar a expansão de consciência dos homens e as mulheres que vêm?*

*Penso que esse lugar é a América.*

*Se em escala planetária hoje, podemos localizar na Universidade das Nações Unidas (ONU) em Tóquio, Japão, o polo expansivo do conhecimento científico-técnico, o polo de “implosão humana” tem que estar na América.*

*Por que na América?*

*Porque a América, a “América profunda” (em termos de Rodolfo Kusch) alcançou na alma de seus povos, suficiente nível de interioridade para oferecer à planetização que nasce uma “ponte humana” entre os arquétipos celestes e a sabedoria da Terra.*

*Na potencialidade do novo homem americano, começamos a vislumbrar os primeiros traços de uma harmonia de valores materiais e espirituais. Sem este polo de interioridade humana que ‘dissolve’ os compostos de desumanização gerados pela civilização técnica, as*

*“tecnologias transcendentas” (como as denomina Thomas Berry)  
podem conduzir-nos a um novo afundamento da Atlântida, a Atlântida  
pós-moderna.*